

Direitos Humanos x Direitos Negativos

As Transformações da Economia Política e das Relações do Trabalho num Mundo em Ruptura.

*“Como estes crendeiros esperam sempre!
Fossam na terra, à cata de um tesouro,
dão co’uma vil minhoca, e ficam pagos!”
(Fausto - Goethe)*

A Razão de um Debate Inescapável

Este trabalho é a compilação de um conjunto de artigos publicados no **blog Arnobio Rocha** (<http://arnobiorocha.com.br>) como contribuição ao debate sobre as profundas mudanças no mundo do trabalho, as modificações (na forma) das relações econômicas, sociais e políticas, entre **capital x trabalho**, as novas formas de exploração da força de trabalho, e a (falsa) ideia do fim da produção de Valor e, conseqüentemente, do fim da luta de classes (no Conteúdo).

A ideia deste trabalho é percorrer as mudanças que houve ao longo das últimas décadas do século passado, do Estado de Bem-estar Social ao **Ultraliberalismo**, passando pelo Neoliberalismo. Sendo o Ultraliberalismo a última de controle do Estado e da Economia, que a fração do Kapital Financeiro, que prevaleceu na década de 2010, que aflorou da Crise mundial de 2008.

Os ataques ferozes aos direitos trabalhistas, sociais e previdenciários, pelos ultraliberais contra os trabalhadores, na época dos **Direitos Negativos**, só restou aos trabalhadores os **Direitos Humanos**, a forma totalizante de identidade Política, Social e de luta contra o sistema

capitalista que aprofunda as formas de exploração, nunca antes vista na história do capitalismo que de certa forma, nos lembra, sistema econômico da Escravidão e de relações quase feudais.

É este o desafio de todos os que defendem a ruptura com a exploração humana, a defesa da vida e da existência com dignidade, que debatam um novo Estatuto da Cidadania e formas de relações sociais e econômica, que garantam a todas e todos o acesso a saúde, educação, renda e a todos os avanços tecnológicos, de bens e serviços, hoje, restritos a uma ínfima parcela da humanidade.

Introdução

A crise do mundo do trabalho, emprego, subemprego, precarização, Uberização e infoproletariado, nos convida para uma reflexão mais profunda sobre o real significado desses novos fenômenos, que saía dos marcos do direito do trabalho e das relações de trabalho tradicionais, e que seja tratada como questão de Direitos Humanos, sob uma ótica mais ampla e que aponte como se pode regular tão complexas e sutis relações humanas.

Todo os processos produtivos e de serviços, com a participação direta do trabalho humano, a parte essencial, o santo graal, aquele que produz **mais valor** ao produto, não uma mera transformação de matéria prima em algo superior tecnológico, continuam sendo o objeto central das relações econômicas do capitalismo.

Essas relações de produções têm na regulação trabalhista importante campo de embate e de garantias tanto para o Capital quanto para o trabalho.

As regulações, os códigos, as leis, formavam um arcabouço legal, que abarcava praticamente toda as relações de trabalho, de reconhecimento de direitos e de obrigações, que trabalhadores e empresas, tinham e funcionavam como parâmetro para uma sociedade moderna e regida

pelo Estado de Direito, ainda que uma das partes, o Capital, em última análise, tenha a primazia sobre o Trabalho.

A ruptura desse sistema legal vem em progresso, desde meado dos anos de 1970, com a grande crise do petróleo, o fim da paridade do ouro.

A introdução de novas técnicas produtivas, com o uso da microeletrônica, a robótica, iniciando uma substituição de mão de obra em grande escala, das grandes concentrações fabris, um tipo especial de proletariado foi sendo gestado nesses últimos 45 anos.

Ao mesmo tempo a liberdade exigida pelo Capital Financeiro, especulativo, impondo um estado, o Neoliberal, em substituição ao Estado de Bem-Estar Social, especialmente nos EUA, a força motriz da Economia Mundial. Com o advento da Crise de 2008, houve um mergulho mais fundo no rompimento do sistema de proteção aos trabalhadores, como jamais visto na história do capitalismo.

Nos próximos artigos analisaremos essas mudanças fundamentais da Economia Política nos últimos 50 anos.

I - Do Pós-Guerra ao Neoliberalismo

Para melhor compreensão do estágio atual da luta de classes e das políticas de ataques as conquistas sociais e trabalhista, é que se faz necessário e um pequeno recuo na história, e para localizar a questão dos Direitos Humanos e não mais os Direitos Trabalhistas como o cerne das relações humanas, inclusive, das relações produtivas.

A Guerra Fria, o motor da Luta de Classes

No pós-Guerra várias economias centrais (EUA, Japão, Europa Ocidental) impulsionaram seus estados nacionais com ampla distribuição de renda e atendimento das principais necessidades básicas dos trabalhadores como saúde, educação previdência, aumento da expectativa de vida. A política de reconstrução do pós-guerra e o enfrentamento da “ameaça” da URSS foram fundamentais para tais conquistas.

Todas estas garantias sociais, trabalhistas e previdenciárias foram feitas por estados nacionais fortes, que participaram intensamente das atividades da economia, centralizando o planejamento e sendo o principal indutor deste desenvolvimento, a visão de Keynes era vencedora no mundo e o Estado de Bem-estar Social, as democracias com relativa estabilidade era o contraponto perfeito ao leste europeu.

Muitos economistas consideram os anos 60 e parte dos 70, os anos dourados da economia mundial, larga expansão, crescimento e mundialização do comércio. Estes anos apagaram em parte a maior catástrofe da humanidade, a Segunda Guerra Mundial. Neste contexto os EUA tomam para si a referência de crédito e dinamizador do crescimento. Garantia crédito e ao mesmo tempo comprar o que se produzia, mesmo que significasse enormes déficits comerciais. Porém, garantia para si as rédeas econômicas e combatia o “comunismo”.

Crise do petróleo – fim do padrão Ouro – As Novas Técnicas Produtivas.

A famosa Crise do petróleo, de 1974, na verdade já se gestava desde 68, 69, os números de horas trabalhadas, produtividade e lucro, mostravam o ápice da superprodução. O momento da crise não foi em 1974, mas bem antes, o que se via, em 1974, já eram os efeitos da crise, que em regra é queima de forças produtivas, de capital, para que a taxa de lucro se recomponha.

Ainda antes de 1974, ou ápice da crise, Nixon, então presidente dos Estados Unidos, suspendeu unilateralmente o sistema de **Bretton Woods**, cancelando a conversibilidade direta do dólar em ouro. Todo o sistema de planificação monetária e conversibilidade usado no pós-guerra, que impulsionou a integração das economias ocidentais veio abaixo, seu sistema de pagamentos baseado no ouro.

O repique da crise de 74, se deu em 1981/82, com o início do Governo Reagan e se expressou na questão das dívidas dos países então chamados de “terceiro mundo”. Estes países haviam recebido grandes investimentos de Capital desde o fim dos anos 60/70 e a “conta” efetivamente foram cobradas pelo FMI e Clube de Paris no início dos anos 80.

Aquele novo ciclo efetivamente se abre em 1983 com a maior revolução do Capital, que ajudou varrer o Leste: A revolução da microeletrônica.

O novo ciclo do Capital iniciado em meados dos anos 80, liderados mais uma vez pelos EUA, foi engrossado pela queda do Muro e o fim da Ex-URSS.

Em síntese: A dura crise do petróleo nos anos setenta combinado com as das dívidas externas no início dos anos 80 põem em xeque o estado de bem-estar social (Welfare State) surgido do pós-guerra como contraponto ao leste europeu.

Neoliberalismo – Os Direitos Trabalhistas, Direitos Sociais são os Inimigos.

A virada política começa com as vitórias de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, estes impõem um duro ajuste econômico com privatizações e restrição do crédito “fácil” o que levou em 82/83 a grave crise das dívidas externas do terceiro mundo (Brasil, México e Argentina no default).

A ofensiva ideológica imposta neoliberal foi de tal monta que não havia qualquer possibilidade de “tatear” um contexto de ação econômica ou política fora desta ordem. Combateram sangrentamente as rebeliões na América Latina, como em El Salvador e Nicarágua. Usaram de qualquer método político-militar para impedir e sufocar revoluções e governos de esquerda.

Enfrentaram a antiga URSS e os países do leste europeu de forma decidida, derrotando-os impiedosamente com a queda do Muro de Berlim e o esfacelamento da Rússia. Mesmo governos claramente identificados com políticas de esquerda sucumbiram ao marasmo deste Tsunami interminável.

Nunca uma ideologia capitalista perdurou tanto como esta Neoliberal, que teve seu início com a derrota dos mineiros ingleses no Governo Thatcher, amplificado por 8 anos Reagan, que culminou com a queda do muro de Berlim, 30 anos ao todo, sendo os últimos 19 anos (1989 a 2008) sem qualquer combate global ideológico.

Particularmente a defensiva política do ponto de vista dos trabalhadores, se da com a queda do muro de Berlim, desarmou a esquerda ideológica que foi reduzida a pequenos círculos sem efetivo contato e produção política que oferecesse qualquer combate sistemático e global ao neoliberalismo.

Em todos os campos sociais e políticos. A situação ficou tão ruim que Francis Fukuyama chegou a prever o fim da “história”.

As desregulamentações econômicas e as privatizações, passam a ser os carros-chefes de uma nova ordem mundial, os trabalhadores e as classes médias urbanas, são excluídos do centro das preocupações do modelo vigente, o Estado é desmontado e os Direitos são retirados como algo normal.

Essa é a primeira fase dos ataques diretos às conquistas sociais, inaugurando o período de Direitos Negativos.

II - Do Neoliberalismo ao Ultraliberalismo

EUA: Império Único, Senhor do Mundo, da Economia, da Ideologia e das Guerras

Ronald Reagan e a vitória neoliberal

Os EUA se constituíram no pós-guerra como o maior império econômico da história, dos tempos modernos, a sua invejável máquina atômica que rivalizava com a URSS, teve a capacidade de desenvolvimento econômico, bem-estar e capacidade de comandar (pela força econômica, política e militar) todas as nações capitalistas.

Esse poder ainda tinha o contraponto ideológico do leste europeu, que, de certa forma, serviu para consolidar a influência dos EUA no mundo “livre” contra o fantasma do “comunismo”, a reconstrução da Europa do pós-guerra, a exportação de capitais para América Latina, para Japão, Coréia do Sul, tornou o império mais forte e poderoso.

O que faltava era a queda do leste, o isolamento político, já se dava nos anos 70 e a pressão sobre o Leste foi ainda maior, no final dos anos 80, até a queda do muro de Berlim, e a queda de todos aliados da antiga URSS.

O ciclo neoliberal mais forte e ideológico americano deu-se durante o duro governo Reagan, que foi amplamente vitorioso na luta ideológica ao império soviético, como diz Macbeth depois das revelações das bruxas “*tudo que nos parecia sólido sumiu ao vento como nossos anelos*”.

Reagan conseguiu eleger seu vice, Bush Pai, respaldado pela vitória anticomunista, sem inimigos claros no mundo. A base da economia americana no pós-guerra era a indústria bélica, bilhões de orçamento público era gasto para deter o inimigo vermelho, com seu fim ela em si perderia a razão lógica de existir. Se não havia contraponto no mundo para que manter algo surreal como ela?

Ledo engano, a pretexto de proteger suas posições no Golfo Pérsico, em 1991, Bush invadi o Iraque, seus leiais aliados de combate contra o Irã. A malsucedida invasão, do ponto de vista militar, pois não derrubou Sadam Hussein, reanimou a economia, não o suficiente para garantir um segundo mandato a Bush.

Clinton e os anos dourados do neoliberalismo

Uma surpresa total para EUA foi a vitória de Clinton, ex-governador de Arkansas, estado pequeno e secundário nos EUA. Com uma trajetória de militância política em causas sociais, Clinton chega a Casa Branca e lidera por 8 longos anos um dos maiores crescimentos da economia americana, sem que houvesse um grande conflito externo.

Favorecido pela liderança única americana no cenário mundial impôs uma política de expansão das empresas e influência americana baseada no dólar e no mercado financeiro.

Caminhava para garantir um terceiro mandato com Al Gore, seu vice, mas foi atingido pelos escândalos sexuais, a direita americana pudica até uma tentativa de impedimento cogitou, safando-se por muito pouco. Esta perda de confiança fez com que não tivesse a coragem suficiente de enfrentar a fraude da família Bush na Flórida.

Bush Jr, a volta dos senhores da guerra

O episódio de vencer, sem ganhar, levou a uma mudança completa de atitude do Governo Americano, que experimentou uma defensiva externa, questionamento e foi atacado pela primeira vez em seu solo. Os episódios do 11 de Setembro de 2001 foi uma dura resposta tardia a presença americana no oriente médio.

Novo recrudescimento interno e externo deu uma nova guerra ao Iraque a família Bush, detentora de petróleo e amplamente financiada pelos lobbies da indústria bélica.

O medo extremo imposto ao estilo de vida americano deu ao Bush Filho seu segundo mandato. Este, porém foi um fiasco total, atolados numa guerra sem saída, a economia sem responder, foram 4 anos penosos, um novo “inimigo” crescendo silenciosamente (a China) a financiar seu crescente déficit fiscal, culmina com um novo quase 11 de Setembro, 15/09, a quebra de todo o sistema financeiro americano.

O Ultraliberalismo – A grande Crise 2005-2008 – E o Estado de Exceção como Regra

Neste meio tempo, uma guerra ao Iraque, pequenas guerras na África, ajudaram a azeitar a colossal indústria bélica americana. Nos anos 90 há a incorporação definitiva da China, com seu modo de produção peculiar, Capitalista de Estado, dirigida por uma burocracia estatal violenta.

A integração da China ao capitalismo central deu fôlego vital ao Capital, pois fez entrar amplas massas no processo produtivo global, mas fundamentalmente ainda, ajudou a definir novos padrões produtivos e incrementar a taxa de lucro do Capital.

As milhares de empresas que aportaram na China, capital fundamentalmente dos EUA, em primeiro lugar, transformam o panorama global do processo de acumulação/circulação capitalista. O apogeu deste movimento se dar nos anos 2000.

Em paralelo a este movimento, a indústria bélica americana, um dos carros chefes do Capital, consegue duas lucrativas guerras: Iraque e Afeganistão, que ajuda a consumir, apenas nestas guerras, mais 1,5 trilhões de dólares. Além de um orçamento anual crescente que apenas de 2001 à 2010 chegou aos 6 trilhões de dólares. Esta esfuziante marca é acompanhada do aprimoramento das Telecomunicações, Internet e fundamental o controle político e ideológico mundial.

A “Nuvem” que atingiu em títulos algo como quase 10 vezes o total do PIB mundial algo em torno de 430 trilhões de Dólares contra 46 trilhões de PIB, teve papel fundamental na imposição de uma nova realidade de relações econômicas mundiais. A rapidez com o Capital vai de país a país, impondo seus desejos de lucros transforma o estado/nação em mero intermediário do Capital global.

Mas atentem bem que quando irrompe a Crise em 2008, esta “Nuvem” controlada fundamentalmente por grandes bancos, como Goldman Sachs, HSBC, Mitsubishi, BNP Paribas, UBS e outros, passou por grandes fusões e quebras impressionantes como Lehman Brothers, a seguradora AIG e muitos outros que trabalhavam com taxas de alavancagem de até 40 vezes sobre seu patrimônio líquido.

Os trabalhadores e as classes médias urbanas são chamados para pagarem a conta dessa política, quase pornográfica e excludente.

Obama, o herdeiro do império – O Pai do Ultraliberalismo

Obama era um senador respeitado e era tido como “zebra” nas prévias dos Democratas, entretanto ganha da favorita Hillary a indicação do Partido Democrata. Uma hipótese pouco cogitada leva um negro à presidência. Vitória de um outsider total.

Sem um pé na máquina partidária, dominada pelos Clintons, Obama faz um acordo cruel, entrega a Secretária de Estado, ministério mais importante americano, a sua adversária Hillary.

Enfrentando uma crise sem precedentes, Obama mais ou menos dividiu seu Governo em dois, no front interno liderado por ele, tenta aprovar reformas na saúde e recompor a economia em frangalhos. No front externo entregue a Hillary e os falcões mais reacionários, como boa conhecedora da máquina de guerra, Hillary tem seu desempenho facilitada pelos crescentes conflitos advindos da ampla crise financeira mundial.

A dura visão do Departamento de Estado, dominado pela Direita dos democratas, escolhe seus “inimigos”, o principal deles o Irã, mesmo com o refluxo no Iraque a aventura no oriente médio ainda é prioritária, atende a demanda da indústria bélica, do setor petrolífero, dos militares e dos falcões de Israel.

O que verificamos, desde pelo menos 2012 com nossos estudos sobre a *Crise 2.0*, que está no nosso livro *Crise Dois Ponto Zero – A Taxa de Lucro Reloaded.*, é que esse novo Estado ele vem corroendo as bases da sociedade burguesa, especialmente as coisas que mais a distinguiu: A *Democracia* e da *Política*. O que nasce são regimes autoritários, com simulacros de Democracia e quase ausência de Política.

Um dado importante nessa análise é que as “Primaveras Digitais” vieram a ser peça fundamental para essa nova ordem sem Democracia e Política. Elas cancelaram todas as visões do Kapital que na necessidade de recompor sua Taxa de Lucro, rompeu com o que sobrou do Estado de Bem-Estar Social, cortando Direitos Sociais, Aposentadorias, Saúde e Educação, em nome de uma Austeridade para quem?

Para fazer a transfusão de recursos dos tesouros públicos para os bancos privados, de forma direta ou através de privatizações, entrega das funções do Estado para entes privados, de forma ampla, atingindo judiciário, segurança, mais ainda na burocracia, especialmente as famigeradas Agências, que minaram as funções do Estado e entregam e agem em nome do Kapital, sem meias palavras.

TRUMP – A Máquina Ideológica de Mentiras do Ultraliberalismo

Portanto, a ordem legal, é a de restrições, o Direito é do inimigo, aplicado diretamente contra quem se opuser aos novos senhores do Estado, quer seja Obama ou Trump, pode ser Putin ou um burocrata chinês, passando até na ralé do Golpe local, o golpista-menor, Temer.

O mundo assistiu ao Brexit, agora a Direita vs Extrema-Direita, na França, ou a pressão pela saída da Itália da UE.

São movimentos combinados de uma ampla ruptura, não um Estado de Exceção, apontam para uma nova ordem, cruel, restritiva e de profunda violência, com uma possibilidade permanente de guerras regionais, civis e de embates violentos nas grandes cidades, pela miséria e fome.

A **Política do Medo, Segurança** nos países ricos, **Corrupção** nos países pobres, foi o elemento principal de convencimento para que os trabalhadores e o povos em geral renunciasse às mínimas garantias legais e democráticas.

Aqueles super ricos, 1% da população, se armaram de todos os instrumentos legais, de dominação, de convencimento ideológico, com uso massivo da Internet, o que tolamente achávamos que ampliaria a participação, os algoritmos se tornaram a arma letal para saber quem somos, o que fazemos, o que pensamos, assim, o controle é mais forte, violento e amplificado.

Eles sabem o que fizemos no verão passado.

IV – As Novas Formas de Superexploração Humana

A Produção de Valor e Uberização: A Luta de Classes

A Escravidão foi o modo de produção primeiro de exploração privada entre homens e mulheres, substituiu as relações primevas, comuns e sem traço de divisão e hierarquia social e de gênero, ainda não havia Estado, instituições complexas, que, inclusive, ajudariam a naturalizar a escravidão, religiões, códigos de leis rudimentares, exércitos regulares e outros.

O Sistema de Produção Escravagista, mesmo substituída pelo sistema feudal, atravessa a história, não mais como modo de produção dominante, mas como forma auxiliar de modos de produção distintos, no feudalismo a servidão ainda era forma significativa.

No capitalismo foi usada especialmente nas colônias fora do velho continente, aquele que tolamente enchemos a boca para falar de “civilizado”. Porém a Escravidão, no capitalismo, criou distorções na produção de valor, nas regras concorrenciais e “na ética” do Capital.

Mesmo banida na América e na Europa, a Escravidão sobreviveu na África e na Ásia, por séculos e ameaça retornar em cada nova crise econômica. Uma reportagem da BBC de 1.11.2019, [Empregadas à](#)

venda: os apps usados em mercado online de escravos, traz ao debate a questão da Escravidão, ainda que ela nunca tenha saída de cena.

O ressurgimento da Escravidão via Aplicativo não dever ser vista apenas uma questão moral, pois as formas mais baixas de produção de valor, baseada na superexploração (jornadas de trabalho infinitas), uberização, entregadores, os infoproletarios, muitas vezes se aproxima de regimes escravagistas.

Há que se separar a superexploração, consentida (voluntária?), dos que trabalham nessas novas formas de empregabilidade, que muitas vezes pode ser vista como empreendedorismo, ou relação comercial, ainda que haja relação desproporcional de poder entre um particular e um aplicativo (uma empresa que se apresenta como nuvem, quase um fantasma).

Os aplicativos possibilitam novas formas de Escravidão, ou potencializam as existentes, como o tráfico de seres humanos, especialmente de mulheres, jovens, tanto para prostituição, como escravas sexuais, para trabalhos domésticos, para venda de drogas, venda de órgãos.

Todas essas formas se tornam públicas sem que haja um combate efetivo pelo Estado, pois, esse comércio é controlado por várias máfias e com participação da burocracia corrupta dos países, inclusive, os mais ricos.

O debate sobre a **produção de valor** é o mais fundamental de todos os debates, sem ele fica-se andando às cegas, escolhendo pontos isolados

ou abraçando visões que, invariavelmente, leva ao abandono de um método científico de análise da economia e da política, muitos se tornam “místicos”, repudiam o Kapital como se fizessem danças para trazer chuvas.

A forma ulterior de exploração do Kapital ganha maior dinâmica na sofisticação da produção, introdução de tecnologia, robôs ou de algoritmos poderosos nos softwares e aplicativos, assim como a Uberização do Trabalho (meio) e não pode ser visto como fim da produção de valor. Bem como convém lembrar que o “kapital” não gera valor, ao contrário, o Valor é que é o fulcro do kapital.

O que significa que a pornográfica nuvem de trilhões dos mercados especulativos, só se realiza com a produção de valor, de outra forma, a nuvem induz mais produção/produktividade em escala global, facilitando a apropriação privada, por cada vez menor o número de capitalistas, famílias, que vistas de forma geral, cerca 750 destas, detém 81% da renda mundial.

A crise dos Estados Nacionais, democracia e política, está justamente nesse caráter global de realização e de apropriação do Valor, muitas vezes percebidos, com as transações de ações nas Bolsas de “Valores”.

Marx trata, vejam só, ainda no Livro III, do Capital, afirma que “*o crédito acelera as erupções violentas da contradição -crise- e, portanto, os elementos de desintegração do antigo modo de produção. O sistema de crédito aparece como o principal nível de sobre – produção e super – especulação no comércio somente porque uma maior parte do capital social é empregado por pessoas que não são*

seus proprietários e que, conseqüentemente, vêem as coisas de maneira diferente do proprietário... Isso demonstra simplesmente que a auto-expansão do capital permite um livre desenvolvimento real apenas até certo ponto, de modo que, de fato, constitui um freio e uma barreira iminente à produção que são continuamente transgredidos pelos sistemas de créditos”.

Essa é a questão, a Economia Política, em Marx, continua como método fundamental para compreensão das formas que o Kapital se apresenta, no passado e agora, com todas as novas tecnologias.

A “nuvem” ou os “mercados” que seduz de forma tão violenta os analistas do capital como Miriam, Sardenberg, não pode também causar espécie entre nós, o rigor, a necessidade estudar os fenômenos sem nos deixar seduzir pelos dois lados: o da “expansão financeira” como fim último do Capital, escondendo o mais importante que é a reprodução ampliada do Capital e sua busca vital pela recomposição da Taxa de Lucros.

Nem pelos dogmáticos da “crise permanente” que apenas enxergam (sic) o declínio do Capital, mas não explicam a sua recuperação e sua expansão entre uma crise e outra.

O velho Estado, dominado pelos banqueiros, fez a maior operação de salvação do Kapital da história, cerca de 40% do PIB dos EUA e quase 33% do PIB da UE é usado para injetar dinheiro nos bancos e segurar o sistema como um todo, a maior transferência de riquezas da história moderna.

Os números são superlativos e ajudam a entender a razão de que apenas 8 PIBs depois, descontada a inflação, os EUA voltaram a ter um PIB positivo, ante 2005. A UE ainda patina e estaciona diante da riqueza produzida de 2007, que já não é mais alcançada.

Tudo isso acabou sendo o resultado da Crise a maior concentração da riqueza, como se isso fosse possível. A classe média americana foi esmagada, as suas hipotecas, que compunham significativa parte de sua renda, foram executadas, por anos o crédito “fácil” sumiu. Isso reflete diretamente no controle mais rígido do Estado.

A discussão é complexa e explosiva, trata-se do futuro de parte significativa da humanidade, que é expulsa do mercado formal de trabalho, sem qualquer esperança partem para qualquer tipo de sobrevivência, que, no fundo, retroalimenta a exploração do regime vigente, o Capitalismo, sem facetas para dourar a pílula: “selvagem”, “humano”, “cognitivo”

A **luta de classes** que muitos julgam extinta, nunca foi tão pulsante como agora. A realidade mundial é extremamente rica, os avanços tecnológicos e científicos que poderiam ajudar a libertar a humanidade de qualquer forma de exploração, ao contrário, são usados para maximizar os lucros provados, daquele punhado de 700 empresas que controlam 81% da riqueza do mundo.

Dessa contradição insolúvel é que (re)surgem ideologias autoritárias e religiões/seitas cada vez mais reacionárias, a falência do Estado, apenas reforças as credices em mitos e figuras histriônicas, para que o sistema continue a funcionar e explorar, numa roda viva sem fim.

V – Os Direitos Humanos e a Resistência Humana

Os Direitos Humanos voltaram a ocupar, de novo, o Centro das preocupações do mundo jurídico e da humanidade, especialmente com o avanço avassalador das políticas Neoliberais e Ultraliberais, que promoveram uma onda de destruição de direitos fundamentais, trabalhistas, sociais, previdenciários e sindicais.

Nesse sentido, o caráter libertador dos Direitos Humanos contra as opressões que ameaçam homens, mulheres, LGBTQI+, às populações mais vulneráveis, povos originários, que em todos os momentos históricos, particularmente neste momento, em que se coloca em xeque a Democracia, aquilo que se convencionou chamar de pós-democracia.

O ressurgimento e crescimento exponencial de forças retrógradas, totalitárias de extrema-direita, que no passado levou o mundo a segunda guerra mundial, refloresceu no mundo, como consequência da crise 2.0, de 2005-2008, a forma de acumulação exige uma dramática redução do Estado, especialmente da parte social, das garantias dos direitos civis e humanos. Essa onda se origina com as primaveras árabes, digitais.

O atual contexto de Judicialização da Política, faz parte da criminalização dos movimentos sociais, das organizações políticas e sociais, das lideranças, virou um fenômeno mundial. Desde os EUA, passando pela Europa e não seria diferente no Brasil.

Ora, responde, esse fenômeno, por uma forma mais dolorosa de manutenção da exploração Humana, pois ataca os direitos mais basilares da humanidade com a chancela do Direito, através da repressão de Estado, o que leva à ruptura da Democracia e da Política.

O maior exemplo disso, são os processos medievais pelo que passam vários ex-presidentes, não apenas no Brasil, Argentina, Equador, como também na Coréia do Sul, na França com Sarkozy. É um protagonismo sem par, exorbitando de sua função fim e acaba com equilíbrio dos poderes, invadem a competência do legislativo, legislando ativamente, e visa emparedar o Executivo com ameaças e prisões políticas.

A Democracia e a Política se tornaram Estorvos num Estado de Exceção, que passará ao Estado de Regras, vide o pacote anticrimes, por exemplo, com todas as suas restrições, que tentou trazer ao arcabouço legal, o método da “lava jato”.

O “Poder Supremo” precisa passar a visão de que as instituições estão funcionando normalmente e de que combate a escalada de violência, potencializada pela miséria e a expulsão do mercado de trabalho de milhões de trabalhadores.

É fato que supremo poder das grandes corporações asfixia a Democracia, controla o Estado através das “agências reguladoras” sem precisar prestar contas a nada e a ninguém, e, por conseguinte, prescindindo de Política e de governos democráticos. Esse novo poder materializado nas burocracias permanentes das agências reguladoras e, especialmente, no judiciário, justamente os SEM VOTOS, que não dependem do crivo popular.

O avanço ideológico desse massacre, impôs uma enorme derrota para as forças democráticas, a intimidação das instituições que lutam pelos Direitos Humanos, taxadas como defensores de bandidos. A criminalização do Direito de defesa, como método de intimidação, pois a defesa é fundamental para o Estado de Direito e Democracia.

As consequências são nefastas, e que se ligam diretamente às perdas de Direitos Fundamentais e de todos os direitos sociais, ambos movimentos estão combinados visando diminuir o poder de reação política, de mobilização social e política.

Os defensores dos Direitos Humanos têm um dever histórico de enfrentar esse debate sem reservas, pois nessa época de Direitos Negativos, os Direitos Humanos são a barreira, os princípios que deles derivam, funcionam como o escudo para todos os outros direitos suprimidos ou que foram diminuídos no estágio atual de luta de classes.

Enfrentar uma realidade tão difícil, de altos riscos dos que lutam pelos Direitos Humanos, por ameaçam dos governos neofascistas, que atacam as lutas, aos movimentos sociais, exige a unidade de luta e ação dos defensores de Direitos Humanos com os demais movimentos sociais e política, pela construção de um novo Estatuto de Cidadania e de Direitos.

Arnobio Rocha, advogado, autor do blog Arnobio Rocha e do livro “Crise Dois Ponto Zero: A Taxa de Lucro Reloaded”. Foi coordenador do Núcleo de Ações Emergenciais e Defesa dos Direitos Ameaçados da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP (março 2019-outubro 2021), depois vice-presidente da CDH da OAB/SP (outubro à dezembro de 2021) e foi Conselheiro Seccional da OAB/SP (Agosto à dezembro de 2021).